O TRABALHO DAS PROFISSIONAIS DO SEXO EM CAMPINA GRANDE: A BATALHA DA VIDA

DAYSSE BESERRA COSTA
Graduanda em Psicologia Universidade Estadual da Paraíba (dayssecosta@hotmail.com);
EDIL FERREIRA DA SILVA
Prof° Dr. Universidade Estadual da Paraíba (edilsilva@uol.com.br);
JOSÉ ULISSES DO NASCIMENTO
Graduando em Psicologia Universidade Estadual da Paraíba (jose-ulisses@hotmail.com).

RESUMO: Este estudo objetiva apresentar a situação de trabalho das profissionais do sexo (PS) da cidade de Campina Grande-PB, e as conseqüências para sua saúde física e mental. A pesquisa é de tipo transversal e etnográfica e utilizou técnicas de entrevistas coletivas, observação geral e sistemática do trabalho. Participaram da pesquisa 24 PS do gênero feminino com idade média de 32 anos que trabalham nos principais pontos da feira central e em três bares que funcionam em diferentes bairros da cidade de Campina Grande-PB. Em relação ao tempo de profissão, este variou de 04 meses a 40 anos. As PS exercem suas atividades em locais abertos e em bares e bordéis fechados. O valor do programa varia de cinco a sessenta reais, esse valor varia também de acordo com o local em que a atividade está sendo exercida. As PS que batalham na feira central trabalham em locais em situação precária de higiene e de segurança, seu cotidiano é marcado pela busca de clientes nas ruas, para realização do programa como meio de sobrevivência, sendo comum levar os filhos aos bares. Já as PS que batalham em bordéis possuem melhores condições de segurança, higiene e remuneração. Quando não estão fazendo programa elas permanecem no ambiente, pois é uma forma de dar lucro a casa, de atrair clientes, mesmo que seja para consumir bebidas e comidas que são oferecidas pelo estabelecimento. A prostituição na feira tem início durante a manhã e finda por volta das 17h, enquanto nos bordéis, o horário se prolonga pela noite. Os principais agentes motivadores para a escolha da prostituição foram problemas familiares e a possibilidade de melhora nas condições de vida, mas também o desejo de ser prostituta. A bebida é evidenciada como um facilitador para a realização da atividade de trabalho, uma vez que funciona como desinibidor da libido. A violência praticada por clientes é comum entre elas. É constante o risco de contrair doenças, em especial DST/AIDS. O sofrimento das PS fica evidente quando do relacionamento com os clientes. A atividade é paradoxal. Ao mesmo tempo em que propicia um recurso para o sustento, o cliente também é temido por ser alguém estranho e perigoso (violência, xeixo). As profissionais do sexo concebem o trabalho como uma atividade necessária a sua sobrevivência e satisfação de necessidades materiais, mas demonstram sofrimento psíquico, configurados por angústia e desprezo pela sua prática e pelas nuances da profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Profissionais do sexo; Trabalho e Sofrimento.

1. Introdução

Neste estudo compreende-se o trabalho como uma ação humana sobre a natureza, que muda sua morfologia e constrói a identidade do sujeito, realizado histórico e socialmente. Nesse sentido, o trabalho de natureza sexual deve ser entendido como sendo uma prática laboral caracterizada por significados sociais, históricos e culturais construídos sobre influências da época e do local que é praticado.

A definição de trabalho sexual enquanto comércio popularmente conhecido como prostituição, refere-se à prática de comercializar serviços de natureza sexual como prazer, fantasias, sexo, carícias, etc. Conforme escreve Maia, Chacham e Lopes (2002) não se trata de venda do corpo. Os profissionais do sexo atuam no imaginário de

homens e mulheres através da oferta de prazeres e práticas sexuais diferenciadas, especiais e incomuns.

A prostituição enquanto modalidade de trabalho ainda permanece na clandestinidade somando-se às várias atividades que compõem o chamado setor informal do trabalho. Entende-se por trabalho informal, todas as atividades que se inscrevem no campo da inexistência de relações contratuais amparadas por leis trabalhistas e fiscais (SILVA e BARBOSA, 2004). A este respeito, Mendes e Campos (2004) postulam que grande parte das atividades do setor informal ocorre em ambientes caracterizados por condições inseguras e insalubres de trabalho, sem qualquer apoio de regulamentação dos direitos básicos. No âmbito da informalidade estão as profissionais do sexo, imersas em uma luta pelo reconhecimento da atividade como profissão.

O estudo sobre o trabalho das profissionais do sexo se justifica, primeiramente, pelo fato do trabalho sexual fazer parte do universo de atividades que compõem o chamado setor informal da economia. Em segundo lugar, pelo desafio que é mergulhar no universo de trabalho de um contingente de profissionais que, secularmente, manteve-se segregado e pertencendo a uma atividade tida como indecente à ordem e à moral pública. Justifica-se, ainda, por ser uma categoria que tem tomado uma visibilidade muito grande, principalmente no que concerne a defesa dos seus direitos. Em consonância, este artigo objetiva apresentar a situação de trabalho das profissionais do sexo da cidade de Campina Grande-PB, e as conseqüências para sua saúde física e mental.

2. Metodologia

O presente estudo é do tipo transversal e tem um caráter etnográfico. Possui uma natureza qualitativa. Optou-se por trabalhar com metodologia qualitativa, pois como afirma Minayo (2007), o método qualitativo vai além do cruzamento de informações, utilizando este apenas como auxiliar de pesquisa, uma vez que este método possibilita a realização de análises mais profundas dos fenômenos sociais, os quais são únicos e complexos, não sendo possível haver generalizações.

Conforme Rey (2002), os sujeitos envolvidos na pesquisa qualitativa não respondem de forma linear as perguntas que lhe são feitas, mas realizam verdadeiras construções nos seus diálogos. Estes sujeitos são considerados ativos e atores no curso da pesquisa, uma vez que não são vistos como um reservatório de respostas prontas a expressar-se de forma técnica.

Participaram da pesquisa vinte e três (23) profissionais do sexo do gênero feminino cadastradas no Centro Informativo de Prevenção, Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo (CIPMAC). Trabalham nos principais pontos da feira central (19 PS) da cidade de Campina Grande-PB e em dois bares que funcionam em diferentes bairros (04 PS) da mesma cidade.

Para análise das situações de trabalho foram utilizadas as técnicas de observação geral e sistemática. Ao todo, foram realizadas nove observações nos locais de trabalho das PS, o que possibilitou a visita de dezesseis estabelecimentos. Estas observações possibilitaram a construção de um conhecimento mais detalhado da atividade de trabalho. Esta técnica segundo Abrahão (1993) representa uma vantagem metodológica, uma vez que, considera inclusive, as possíveis variabilidades e regulações que poderão surgir no decorrer da execução das atividades.

Outro procedimento adotado para coleta de dados foi a entrevista coletiva, que segundo Minayo (1999) possibilita além da produção de conteúdos, a obtenção de dados referentes à ideias, percepções, opiniões, maneiras de pensar e sentir, afetos,

expectativas, valores, normas e símbolos. Foram realizadas três entrevistas coletivas nos locais de trabalho das profissionais do sexo, duas na feira central, no mesmo cabaré em momentos diferentes e uma em cabaré que funciona em outro bairro da cidade de Campina Grande-PB, além de uma entrevista individual o que possibilitou evidenciar a vivência subjetiva das profissionais do sexo envolvidas na pesquisa.

Para a análise e interpretação dos dados das entrevistas foi utilizada a análise de conteúdo. Dentre as modalidades da análise de conteúdo este estudo se debruçou acerca da análise temática. Para Minayo (2007) a noção de tema diz respeito a uma afirmação de um determinado assunto. Através da análise temática foi construído um quadro de categorias teóricas e empíricas que serviu de base para a explicitação e objetivação dos dados levantados na pesquisa. As falas das PS são identificadas por nomes fictícios e por seu local de trabalho.

3. Resultados

As profissionais do sexo que participaram da pesquisa tinham em média 32 anos de idade, sendo que na feira central esta idade variou entre 18 e 62 anos e nos bares entre 23 e 33 anos de idade. Sobre o estado civil das pesquisadas, 21 declararam-se solteiras e duas separadas. O número de filhos variou entre zero e seis filhos.

Onze (11) PS da feira central declararam ser analfabetas e as 08 restantes cursaram apenas os primeiros anos do ensino fundamental. Nos bares as 04 entrevistadas possuíam o segundo grau completo. Sobre há quanto tempo elas realizam a atividade de profissional do sexo, esse número variou de 4 meses a 44 anos. Na feira central o tempo de profissão variou de 5 meses a 44 anos. Já nos bares observou-se variação de 4 meses à 10 anos.

Nos bordéis situados em ruas com predominância residencial é comum que se mantenham discretos, funcionando no interior do imóvel com portas fechadas, por vezes nos fundos e com redução do volume do áudio. Existem, também, os bordéis que ficam próximos a postos de combustíveis em que a grande maioria dos clientes são viajantes e caminhoneiros. Geralmente, ficam em rodovias bem movimentadas e que passam pelo meio urbano.

Outro tipo de local de prostituição são os bares. Geralmente localizados em zonas comerciais, os bares são abertos, sem o mesmo cuidado com a descrição e tem a exposição das profissionais do sexo como estratégia para a atração de clientes.

Existe ainda o tipo de prostituição que é exercida, pelo menos sua fase de sedução e acerto do programa, em via pública. No caso do centro de Campina Grande, a prostituição é condensada em algumas localidades: a Feira Central, o Terminal Rodoviário antigo e algumas ruas. Os programas quando acertados são realizados em quartos e pousadas existentes nestas imediações.

A Feira Central, além de ser o principal pólo de abastecimento alimentício da cidade, é também um local que sustenta uma tradição no ofício da prostituição. Há diversos cabarés para atender toda a demanda de usuários. Nos bordéis que se localizam no interior da feira há um sério quadro de pauperização, onde o comércio sexual é a principal fonte de renda para centenas de pessoas. Muitas se apresentam sob o efeito de álcool, outras, na falta de alimento, satisfazem suas necessidades básicas com drogas. O valor do programa, muitas vezes não passa de R$ 10 (dez reais), chegando a ser negociado por um prato de comida, uma dose de bebida, três, quatro ou cinco reais, sendo que destes, dois reais é reservado para o pagamento dos quartos.

O cotidiano da atividade das PS da feira central é marcado pela busca de clientes e pela realização do programa como meio de sobrevivência. Elas passam o dia em seu

local de trabalho, nas ruas da feira, muitas levam seus filhos. Enquanto não estão fazendo o programa ou estão sem clientes elas ficam circulando pela feira, pintam os cabelos, ali mesmo na rua.

Tanto na feira central, como nos bares, foi detectado que as PS usam bebidas alcoólicas como uma forma de passar o tempo e de estimular a libido, uma vez que quando começam a beber se sentem mais desinibidas para chegar até o cliente e até mesmo suportar fazer o programa.

> *"É a gente vai fazer o que? Tamo "Liza" vamos beber (...). Aí quando a gente começa a beber começa a ganhar dinheiro" (Ivvy, feira central).*

Ao mesmo tempo em que a atividade é vivida a ponto de necessitar a elaboração de algumas estratégias para poder ser tolerada, ela também propicia prazeres que são difíceis de ser verbalizados.

> *"satisfação? Poder beber, eu to ficando uma alcoólatra, todos os dias eu bebo. (...) mas eu bebo mais pra esconder os meus sentimentos, as minhas mágoas, minhas angústias, meus sofrimentos. Então quando eu não bebo eu quase não faço programa" (Leiliane, bar).*

Na feira central, as profissionais do sexo usam estratégias específicas para conquistar o cliente e conseguir o programa.

> *"primeiro eu peço pra ele pagar um cafezinho, mas só que ele não quer pagar, aí eu peço um real pra comer um cuzcuzinho" (Daniele – feira central).*

Uma parte importante da atividade é a negociação do valor do programa, geralmente isso é feito antes ou depois da consumação. O valor do programa depende da modalidade sexual que se quer praticar. Entre as profissionais da feira central esta negociação (custo e modalidade sexual) acontece, muitas vezes durante o programa, sendo maior o risco de o cliente não querer pagar. Já as profissionais do sexo que trabalham em bares negociam e exigem o pagamento adiantado.

> *"Quer outra coisinha a mais tem que ter mais" (Ana, feira central)*
> *"Antes de eu ir pro quarto eu já converso na mesa para não ter problema lá" (katarina, bar).*

O programa também pode ser acertado pelo desejo da profissional do sexo. No caso de Natália que trabalha em um bar fechado, ela relata escolher com quem quer fazer o programa, para ela tem que ter algo a mais, algo que parte dela, de seu interesse.

> *"Se eu tiver interessada em alguém também, não sou obrigada a ficar com ninguém que eu não queira, entendeu? Então vamos conversar, se não bater, pra mim não dá. Se ficar pra mim tem que ser com [camisinha]" (Natalia - bar).*

As profissionais do sexo falam de um modo próprio de conquistar o cliente no exercício de sua atividade. Cada uma tem um modo singular de conquistar o cliente. Como o programa depende da aceitação do outro é preciso desenvolver estratégias de sedução para conquistar. O trabalho delas envolve relações de intersubjetividade.

> *"é por que olhe, cada uma prostituta como a gente, tem um ímã de ganhar seu dinheiro, cada um tem seu jeito" (Daniele, feira central).*
> *"É aquela ali mesmo só ganha se não tomar banho, é se ela tiver suja ela ganha dinheiro, se ela tomar banho ela não ganha não" (Ana, feira central).*

Em relação às condições de trabalho foram detectadas três situações que trazem problemas para a saúde física e mental das PS da feira central e dos bares. Na feira central, os quartos, locais onde realizam os programas, não são higienizados

adequadamente, não é rara a recusa da utilização do quarto pelo cliente, como atesta esta fala:

> *"os clientes que a gente chama pra ir pros quartos, que olha eles não gostam, sabe? Às vezes quando a gente vem chamar, se eles perceber, Por que eles não limpam" (Luana, feira central).*

No bordel afastado da feira, o quarto é higienizado com mais freqüência e há banheiro no local, no entanto, não há troca dos lençóis após cada programa.

> *"não, não são velhos não, tem aquele forro tipo colchão de hospital, entendeu? Os banheiros são limpos todos os dias" Natalia, Bar).*

Outra situação de risco para a saúde das mulheres é a presença da violência praticada pelos clientes. Esta pode ocorrer pela prática do xeixo, que é quando o cliente não quer pagar o combinado. Nessa situação pode haver violência moral com humilhação da mulher, ou até por agressão física direta.

Quando o pagamento não é efetuado, também ocorrem situações diferentes em ambas as classes de prostitutas. Desta forma, pela alta ocorrência da resistência do cliente em pagar pelos serviços as profissionais do sexo findaram em montar estratégias para prevenir e/ou enfrentar os dividendos. As profissionais do sexo que atendem a classe média geralmente conseguem deixar bem explicitado para o cliente o que fazem e por quanto fazem e o pagamento deve ser efetuado antes da relação sexual. A prática do xeixo por determinados clientes provoca atos de violência por parte das mulheres que trabalham na feira central, como uma forma de garantir o recebimento do que foi contratado. A estratégia das PS da feira é se unirem para linchar (bater) no homem que não quer pagar.

Outro risco laboral constante é a possibilidade de contrair doenças, em especial às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e à AIDS. A principal fonte deste fator de risco é a recusa dos clientes em utilizar as camisinhas durante toda a relação sexual.

Na feira central, onde o trabalho como prostituta é um meio de sobrevivência, fica mais difícil resistir à pressão do cliente para transar sem o preservativo, uma vez que, o não uso da camisinha implica, muitas vezes, um adicional ao preço do programa.

Outra fonte de risco em relação às DSTs e AIDS é a ingestão de bebida. Como já foi abordado as mulheres fazem uso do álcool para ficar mais desinibida e procurar mais os clientes. Entretanto, esta prática contribui com a permissividade do sexo desprevenido e torna-as mais vulneráveis.

Outra fonte de risco é a profissional do sexo aceitar fazer sexo sem camisinha com parceiro fixo.

> *"... Tem umas q pensam q cliente fixo e pensa que é unânime e deixam de fazer sexo com preservativo. Não é por aí. Você de repente pode ta com aquela pessoa e ela ta gostando de você... Melhor prevenir do que remediar" (Natalia, bar)*

O trabalho das profissionais do sexo geralmente é realizado em locais mais escondidos. No período da noite se localizam em ruas pouco iluminadas e/ou desertas. O comportamento das profissionais do sexo é ambíguo em relação aos homens. Todo este cenário provoca sofrimento e para viver esta situação de trabalho as profissionais do sexo precisam elaborar estratégias para se proteger física e psicologicamente. O sofrimento delas fica evidente quando do relacionamento com os clientes.

> *"ta no psicológico da gente mesmo. Porque a gente tem que ta a todo tempo tratando bem o outro. E na verdade não é isso. A gente não ta toda hora, todo tempo bem não" (Leiliane, bar)*
>
> *[Pesquisadora: o que você faz para continuar saindo] Entrevistada:*
> *"Ah! Porque eu preciso né? Saiu porque eu preciso" (Elaine, feira central).*

"Tem que agüentar. É às vezes quando vem um bem cheirozinho vale à pena, e aqueles velhos fedendo, catinga de mau hálito e suvaqueira" (Eloiza, feira central).

O paradoxo da atividade aparece ainda na avaliação de seu trabalho, em alguns casos dizem se realizar com a profissão em contrapartida afirmam que o seu dinheiro é amaldiçoado e que esta profissão não é para ninguém.

4. Discussões

Desde 2002, a atividade de profissionais do sexo está registrada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) no grande grupo de "prestadores de serviços". A profissão é tida como uma ocupação lícita. Segundo a CBO, as profissionais do sexo trabalham por conta própria, podendo atuar em locais públicos e privados, atendendo e acompanhando clientes homens e mulheres, de orientações sexuais diversas (BRASIL, 2002). Muito embora a CBO faça uma prescrição das habilidades e competências pessoais para o exercício desta profissão, a realidade é bem diferente.

As PS pesquisadas se apresentam em duas realidades ímpares: a feira central que atende as classes menos favorecidas e os bares/bordeis de bairros, que tem um público com características sócio-econômicas mais variadas. Isto explica excessiva a pauperização das primeiras PS. Para muitas, a feira central é o único local da cidade conhecido. Já nasceram neste ambiente, com mães prostitutas e permanecem como tais. As profissionais estão geralmente maltrapilhas, sujas, por vezes descalças, com exceções. A situação de carência econômica das mulheres que fazem programa neste local torna a labuta delas um meio de subsistência. A barganha por um programa pode girar em torno de um prato de alimento, que é consumido e depois o programa em si é realizado.

Não obstante, ambas as realidades evidenciaram que as PS tinham baixa escolaridade. Esses dados se assemelham aos observados por Passos e Figueiredo (2004), onde afirmam que a reduzida escolaridade da maioria das PS participantes de sua pesquisa, pode ser resultado das dificuldades de acesso as escolas e o abandono precoce dos estudos, uma vez que em tal atividade não é exigida tanta educação formal.

Uma questão presente na universalidade da amostra é o que concerne à violência. Conforme as profissionais do sexo relatam, a própria iminência da violência acontecer causa sofrimento psicológico, como angústia. Segundo Maia, Chacham e Lopes (2002) no cotidiano das profissionais do sexo estão presentes aspectos como violência e agressão física por parte dos clientes, conflito com a polícia, ocultação da profissão de familiares e amigos, além do conflito moral com a prática do sexo comercial. Todos estes fatores podem ser fontes potenciais de estresse e depressão.

As estratégias de proteção para a violência praticada pelos clientes são subjetivadas no grupo. O linchamento do cliente é um tipo de regra de trabalho presente no cotidiano e que tem finalidade tanto de apoio à colega de batalha, como a obtenção de reciprocidade. Geralmente, antes que ocorra uma fatalidade, o homem já tem conseguido fugir, assim, também tem a utilidade de identificar os homens envolvidos para que as demais também não sejam vítimas.

Segundo Azevedo et al (2007), desde o advento da AIDS, na década de 1980, a matéria prima do programa, o sexo comercial, se tornou um risco operacional da profissão. Assim, as profissionais do sexo estão incluídas no grupo de vulnerabilidade às DSTs e AIDS. Por um lado, a recusa do cliente em utilizar o preservativo durante o ato sexual coloca em evidência a possibilidade de contaminação de DST/AIDS. Essa atitude dos clientes põe em risco a saúde das profissionais do sexo, além de causar

sofrimento. Segundo Guimarães e Hamann (2005) a concorrência e a escassez de clientes fazem com que as PS tenham dificuldades em negociar o programa e mesmo recusar práticas inseguras.

Por outro lado, o álcool contribui para o sexo sem segurança. A esta questão assemelham-se estudos realizados por Passos e Figueiredo (2004) em Ribeirão Preto-SP.

Não obstante, com parceiros fixos a prevenção é reduzida, o que, também confirma as observações de Passos e Figueiredo (2004) e Guimarães e Hamann (2005), onde acrescentam que o uso do preservativo tende a caracterizar a relação comercial, e o não uso conserva o valor simbólico da afetividade.

As condições e exigências do ambiente de trabalho, marcadamente social, podem determinar influências diretas sobre diversas esferas do fenômeno humano, inclusive sobre a saúde do indivíduo, inscrevendo no corpo marcas que se manifestam nas mais variadas doenças relacionadas ao trabalho, além de atentar contra sua própria saúde mental (DEJOURS, 1999).

A atividade é paradoxal. Ao mesmo tempo em que propicia um recurso para o sustento (às vezes até um prato de comida), o cliente também é temido por ser alguém estranho e perigoso (violência, xeixo). Isto corrobora com os estudos desenvolvidos por Lopes, Rabelo e Pimenta (2007), Esposito e Kahhale (2006) e Passos e Figueiredo (2004), onde há contradições vividas acerca do trabalho, sendo este fonte de sofrimento e de prazer.

5. Considerações

A prostituição em Campina Grande é um fenômeno social presente na sua história e disseminada em todas as suas regiões. A área central da cidade condensa a maior quantidade de bares e pontos de prostituição, com destaque para a feira central. A atividade de trabalho diária das profissionais do sexo se inicia pela segunda parte da manhã, nos bordéis que servem almoço, e se estendem até as vinte e uma horas. Há outras prostitutas que trabalham predominantemente à noite em bordéis do centro e de bairros.

Pelas ruas da feira central, em contrapartida, o cenário observado apresenta outra configuração. Neste local, a conquista do cliente ocorre em meio ao comércio da feira e a negociação, muitas vezes, é durante o programa. As profissionais estão sujeitas a condições precárias de higiene e segurança, uma vez que os quartos não são higienizados e não há proteção policial ou particular (como, por vezes ocorre no bar). Os programas chegam a custar até três reais. Diante da situação de sobrevivência das profissionais que trabalham na feira, não há o estabelecimento de regras formalizadas. Há apenas acordos tácitos que permitem o exercício da atividade. Cada uma obedece a suas próprias regras. A violência é uma constante nesse trabalho, seja de fonte física, social e psicológica. As mulheres reclamam que os clientes costumam, durante o programa, querer bater e exigir outra modalidade de sexo, a risco de não receberem o dinheiro. Quanto ao risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, este é presente na prática do programa.

Neste panorama, a atividade de profissional do sexo é uma profissão geradora de ambigüidades. As profissionais do sexo concebem o trabalho como uma atividade necessária a sua sobrevivência e satisfação de necessidades materiais além de considerarem como uma profissão de direito. Mas, também demonstram sofrimento psíquico, configurados por angústia e desprezo pela sua prática e pelas nuances da profissão.

6. Referências

ABRAHÃO, J. Ergonomia: modelo, métodos e técnicas. In: Congresso Latino-Americano, 2. Seminário Brasileiro de Ergonomia, 6., 1993, Florianópolis. **Resumos...** Florianópolis: 1993.

AZEVEDO, R.L. et al O cotidiano do trabalho de profissionais do sexo: a vulnerabilidade laboral. **In: 8° Congresso Virtual HIV/AIDS**, 2007.

BRASIL. Congresso. Ministério do Trabalho. **CBO-Classificação Brasileira de Ocupações-Relatório de Família**, 2002. Disponível em: <http://www.mtccbo.gov.br/pdf/template_5198.pdf> Acesso em: 20 abr. 2007.

DEJOURS, C. **O fator humano**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

ESPOSITO, A.P.G; KAHHALE, E.M.P. Profissionais do sexo: sentidos produzidos no cotidiano de trabalho e aspectos relacionados ao HIV. **In: Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2006, 19(2): 329-339.

REY, F.L.G. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira, Thompson Learning, 2002.

GUIMARÂES, K; HAMANN, E.M. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição de lemas da profissão e a construção da cidadania. **In: Revista Estudos feministas**, *2005*, 13(4): 525-544.

LOPES, C.S; RABELO, I.V.M; PIMENTA, R.P.B. A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. **Revista Psicologia social**, 2007, 19(1): 69-76.

MAIA, M.B; CHACHAM, A.S; LOPES, A.F.C. Profissionais do sexo e saúde. **In: Jornal da rede feminista de saúde**. 2002. 25(6): 11-14.

MENDES, R; CAMPOS, A.C. Saúde e Segurança no Trabalho Informal: Desafios e Oportunidades para a Indústria Brasileira. **Revista Brasileira de Medicina no Trabalho** 2004; 2(3): 209-23.

MINAYO, C.S. et al. **O desafio do conhecimento***:* Pesquisa Qualitativa em Saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, C.S. et al **O desafio do conhecimento***:* Pesquisa Qualitativa em Saúde. 2. ed. Rio de Janeiro: Hucitec- ABRASCO, 1999.

PASSOS, A.D.C; FIGUEIREDO, J.F.C. Fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis entre prostitutas e travestis de Ribeirão Preto (SP), Brasil. **Revista Panan Salud Publica/Pan Am Public Health**, 2004; 16(2): 95-101.

SILVA, J.S; BARBOSA, J.L. **O Sentido do trabalho informal na construção de alternativas socioeconômicas e o seu perfil no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFF, 2004.